

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



O GRANDE CON- CURSO DE GALVESTON



**"Miss Portugal"
e a sua
competidora**

O nosso presado colega o «Diario de Noticias» levou a efeito, num «record» de organização e de rapidez, a selecção portuguesa para o Concurso de Galveston, onde serão proclamadas as mais belas mulheres do mundo. Reproduzindo aqui a bela cabeça de «Miss Portugal» e o maravilhoso sorriso que com ela competiu até final, o que originou dois partidos no publico, prestamos a nossa maior homenagem ao grande acontecimento jornalístico da semana.

Clichés de Salazar Diniz, da Foto-Press, exclusivo de «O Domingo Ilustrado».

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Página Alegre por Xisto Junior

O CUMPRIMENTO DO DEVER

O Liborio era aquilo a que pode chamar-se «um perfeito cavalheiro». Muito delicado, muito atencioso, se o guarda-nocturno lhe metia por baixo da porta um cartão a desejar-lhe as boas-festas, ele ia logo no dia seguinte a casa do guarda-nocturno, deixando-lhe também o seu cartão, a agradecer e a retribuir.

Ninguém o apanhava em falso nestas coisas de prognostica e de etiqueta.

Foi assim que um dia lhe sucedeu um caso curioso, que teve uma grande influencia na vida de Liborio, mas em que os seus habitos de homem cumpridor dos deveres de cortezia se evidenciaram com singular relevo.

Estava o Liborio num belo dia, em sua casa, entretido a decorar o dicionario de Candido de Figueiredo, trabalho em que já consumira alguns anos de vida sem sair da letra A, quando um moço, já de idade, mas de fretes, lhe trouxe uma participação funebre, em que havia um anjo a verter lagrimas para dentro dum vaso e em que José Joaquim da Silva cumpria o doloroso dever de participar a Liborio que fôra Deus servido chamar á sua divina presença a sua muito querida e chorada esposa, D. Leopoldina da Assunção e Silva.

Liborio conhecia pouco o Silva e ainda menos a sua defunta consorte, mas como homem de sociedade, praxista da etiqueta, apreciou aquela cortezia da participação e julgou que cumpria o seu dever, dizendo polidamente e em voz alta:

—Pobre senhora!

Porem, a participação funebre ainda lhe impunha mais qualquer coisa, porque terminava com uma cruz, por baixo da qual se lia: «Orai por ela!»

Tratava-se dum pedido formal, que não admitia réplica e a que não poderia esquivar-se um homem educado e atencioso, como o Liborio se presava de ser. Ainda se a participação funebre dissesse: «Quere V. Ex.^a ter a bondade de orar por ela?» ou «Se não fôr muito incomodo, pode dar-se á maçada de orar por ela?» bem estava o Liborio, porque com qualquer desculpa cortez

se safaria do encargo, dizendo que estava constipado ou que tinha de ir á provincia.

Mas assim, por forma tão intimativa, era difficil esquivar-se, porque, enfim, o Silva contava que ele, Liborio, lhe orasse pela esposa e seria duma descortezia imperdoavel, seria faltar indecorosamente ao seu dever não orar pela defunta senhora, como o inconsolavel viuvo, mais do que pedia, determinava.

Convencido com a sua argumentação interna, o Liborio dispunha-se a



orar pela falecida D. Leopoldina, quando se lembrou de que não sabia orar por ela ou por qualquer outra pessoa. Perante o dever social a cumprir, porém, Liborio não hesitou e, pegando no chapéu e na bengala, dirigiu-se á igreja da sua freguezia.

Na sacristia encontrou o prior, que estava á descompostura ao andador das almas.

—Senhor prior,—disse o Liborio—o que é preciso para orar por uma pessoa?

—E' preciso ter fé, meu filho!

—E para ter fé, o que é que a gente faz?

—E' preciso crêr em Deus, meu filho.

—E para crêr em Deus, o que temos de fazer?

—Seguir e praticar a doutrina da igreja.

Liborio não se deteve um instante mais que fosse. Antes de mais nada, o cumprimento do seu dever para com o Silva! E começou a seguir a doutrina da igreja, como seguiria uma mulher bonita: com persistencia e grande entusiasmo. Mas ao fim de dois meses de catecismo o Liborio estava tão adiantado como no primeiro dia, não vendo meio de se desempenhar do encargo que lhe dera o Silva, de resar pela sua defunta esposa.

Na convicção de que o seu espirito não cedia a estas formas exteriores da fé, Liborio apelou para os estudos profundos e fechou-se em casa com duas toneladas de livros de teologia.

Levou dois anos a lê los, á razão duma tonelada por ano, e ao cabo de todo esse tempo viu que o seu trabalho resultara infructifero, porque ainda não tinha fé e não estava, portanto, habilitado a orar por D. Leopoldina da Assunção e Silva.

Lembrou-se então do convento. O claustro, a cela, a meditação, os jejuns haviam de o habilitar a cumprir o dever contraído para com o Silva. Quatro anos de convento foram tão inuteis como os dois meses de doutrina e os dois anos de teologia. Liborio continuava a não estar apto para, conforme os ditames do prior da freguezia, orar pela D. Leopoldina.

Entretanto, nem pela cabeça lhe passou desistir do cumprimento do que ele considerava um indeclinavel dever. Lembrou-lhe que o convívio com os missionarios, que vão para terras longinhas prégar a doutrina aos selvagens talvez lhe despertasse a tão anciada fé, de que ele absolutamente necessitava para orar pela ex-mulher do Silva. Se bem o pensou, melhor o fez, embarcando para a Africa, com um missionario que estava de abalada.

Uma vez no sertão, aconteceu a Liborio um percalço. Apesar do exemplo do missionario seu companheiro, Liborio converteu-se á religião dos pretos, adquirindo realmente uma fé, a do fetichismo. Abastecido com essa fé e com o seu manipanso, Liborio regressou á Europa e mal desembarcou em Lisboa foi procurar o Silva. Já tinham passado sete anos sob o falecimento da D. Leopoldina, mas isso não era razão bastante para Liborio deixar de dar cabal satisfação á participação funebre, que em tempos recebera.

—Amigo Silva—disse Liborio, mal

oro por ela, diante do meu manipanso.

—O sr. Liborio é muito amavel—retorquiu o Silva—mas eu devo dizer-lhe que já casei outra vez e que a Leopoldina não merecia tantos incomodos da sua parte, porque era uma cavalheira que não me guardava fidelidade nem me pregava os botões nas ceroulas, acrescentando que, por estas e outras razões, foi com prazer que a vi descer a escada, devidamente encaixotada numa urna de mogno do Magno, aos ombros de quatro gatos-pingados e a caminho das profundas do inferno.

XISTO JUNIOR



VARANDA DE LILAZES—versos de Armando de Miranda.

Julgo tratar-se dum livro de estreia. Esta sua posição fundamenta-se apenas em não vêr, na pagina habitual, a enumeração de outras obras do mesmo autor. Pelos versos, parece antes tratar-se dum poeta em plena florescencia, um poeta bastante distanciado da multidão versajadora, bastante integrado nas correntes mais puras do lirismo contemporaneo.

Neste livro ha, com certeza, poesias escritas em épocas bastante afastadas. Falta-lhe uma unidade de espirito e de emoção; junto de poesias vincadamente modernas, dum ritmo e duma graça novos, saudáveis, bizarros, ha o bordão oratorio amparado versos moribundos e apagados. Ha uma desarmonia flagrante, um embate de idéas e de maneiras de ser diferentes, entre a poesia «O incendio» e o soneto «Bem dita Dôr». Sendo ambos belos e plenos de sinceridade emotiva, esses dois trechos liricos são estruturalmente inimigos, porque num ha preconceitos de forma e esforço de sintese, ao passo que no outro ha apenas inspiração solta, desordenada, irreverente, cheia de audacias e originalidade.

Dum modo geral, porém—e é só isso que convem frisar—o sr. Armando de Miranda revela-se um dos poetas mais completos da novissima geração e, com certeza, o mais arredo de escolas e filiações literarias, muito isolado dentro da sua terra e muito bem acompanhado dentro da corrente mais actual do lirismo europeu.

TOUROS—crônicas de José Pedro do Carmo.

José Pedro do Carmo é um profundo conhecedor de tudo que respeita á origem e desenvolvimento, em Portugal, do desporto tauromaquico, um dos mais enraizados no gosto popular.

Isso explica a proficiencia que se revela nas suas crônicas agora publicadas em volume, e que tem um interesse historico e etnografico muito menos restrito do que o indicado pelo titulo a que se subordinam. Alguns capitulos—como «Reais Toureiros», «D. Miguel e a sua obra», «A vila de Salvaterra», «Touradas de corda», etc.—revelam mesmo um escrupuloso trabalho de investigação e raras qualidades de paciencia e de estudo.

A prosa, sem pretenções literarias, é cuidada e simples.

Numa palavra: trata-se dum livro para o grande publico que não fica deslocado na estante dum intelectual.

Tereza LEITÃO de BARROS

Nesta secção apenas se fazem referencias criticas a obras de que seja enviado um exemplar á pessoa encarregada de a dirigir, ou á Redacção.



o avistou com o viuvo—desculpe-me só agora acusar a recepção da participação do falecimento de sua ex.^{ma} esposa, D. Leopoldina de Assunção e Silva, mas amdei á procura da fé que me faltava para orar por ela, conforme o amigo me pedia. Agora já tenho uma té. Sou fietichista e todos os dias

PARECENÇAS



—Vi ell em baixo um sujeito tão parecido contigo, que até eu falei!...

Curiosidades

O MAIOR HOMEM
DO MUNDO

Parece que o homem mais alto do mundo é o gigante chinês Lu Yu Chung, que mede 2^m.40 de altura e tem quarenta anos de idade. Lu Yu Chung foi contratado por uma grande empresa cinematográfica americana, para trabalhar no seu *studio*.

A QUARESMA

A quaresma, que começa em quarta-feira de cinzas e dura até á Pascoa, é o tempo durante o qual os cristãos devem, «pelo exercício da penitência, participar na paixão do Salvador, morrendo para o pecado e ressuscitando espiritualmente, com Jesus, no dia da Pascoa». A quarta-feira de cinzas é assim chamada, porque nesse dia são bentas as cinzas que se lançam, depois, sobre a cabeça dos fiéis, «em sinal de penitência e como recordação da morte introduzida no mundo pelo pecado». O Domingo de Ramos é consagrado á recordação da entrada triunfal de Jesus em Jerusalem.

A quinta-feira santa é o aniversário da instituição da Santa Eucaristia. A sexta-feira santa é o grande dia de luto, em que a Igreja chora os sofrimentos e a morte de Jesus. O sábado santo ou da Aletuia é mais especialmente consagrado á lembrança de Jesus enterrado e repousando no Seu túmulo. A festa da Pascoa, a maior das festas cristãs, celebra a memória da Sua ressurreição e o facto de se consumir a Redenção. Todas estas cerimónias estão incluídas no Cíclo da Páscoa, que compreende quarenta dias depois da Páscoa, a festa da Ascensão de Nosso Senhor.

UN CURIOSO ACHADO

Cavando o solo para o estabelecimento duma nova linha de metropolitano, uns operários de Berlim acabam de descobrir um dente de mamute. Já não é a primeira vez que o sub-solo da região berlinense revela vestígios de animais pre-históricos. Recentemente, em 1921, encontrou-se no solo da Friedrichstrass uma defeza de mamute que media 1^m.50. O dente agora encontrado, a 7 metros de profundidade, é, segundo parece, um molar.



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICAÇÃO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

Cosulich Line

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª

Os «cafés»
do Chiado

HA dias, havia multidão diante dum novo «café», aberto no Chiado e também «Chiado» de nome. Era um acontecimento cidadão. E, realmente, pela sumptuosidade com que foi montado, o novo «café» merecia a atenção e as simpatias do lisboeta que costuma abancar lá pela Baixa ás mezas politicas e literárias do Martinho e da Brasileira.

Achamos que um «café» fica bem no Chiado e, sem o menor intuito de «reclame», achamos louvável a audacia de quem tentou acordar para a vida espiritual de Lisboa os ecos saudosos daquele casario que hoje ladeia uma artéria quasi morta de noite, e que outróra ouviu as guitarradas e a vozeria dos mais selectos bandos de noctívagos.

O Chiado tem tradições na esturdia cidadina. Foi—pode dizer-se—a rua dos botequins. Na «Lisboa de outros tempos» de Pinto de Carvalho, e no «Sumário de vária historia» de Ribeiro Guimarães, encontrará o leitor a plena confirmação destas palavras.

Até 1866 existiu, no mesmíssimo local onde hoje está o café «Chiado», o célebre botequim do «Marrare», conhecido pelo «Marrare de polimento», porque tinha a armação de madeira polida, e porque era necessario distingui-lo do «Marrare das sete portas», no Arco do Bandeira, e de outro que existiu no Cais do Sodré, onde foi depois a taberna inglesa. O botequim do Chiado acabou, por ter terminado o arrendamento feito pelo seu ultimo dono, o comerciante Ferrari, á viuva do sobrinho dêsse italiano Marrare, antigo copeiro do Marquês de Niza, que foi o fundador do «café», celebre entre os anos de 1820 e 1860.

Era no «Marrare» que se agitavam todas as grandes questões politicas e literarias que sacudiam os nervos e o espirito do lisboeta romântico. Entre aquelas paredes resoaram as vozes de Herculano, de Garrett, de José Estevão e de Passos Manuel; entre aquelas paredes se formou e desfez, como fumo leve, muita reputação; entre aquelas paredes nasceu e floruiu a roseira ingénua do mais puro espirito romântico...

Mas, tirando o «Marrare de polimento», ainda o Chiado teve outros «cafés» de nomeada. Até 1834, teve o café do Baptista, cujo dono tambem era italiano, como tambem italiano era o proprietario doutro botequim—o do Toscano— igualmente situado na actual Rua Garrett, á esquina da Travessa de Estevão Galhardo. Era este o «café» preferido pelos cantores de S. Carlos e nele se jogavam, tôdas as noites, renhíidíssimas partidas da «pula» e dos «pauzinhos á italiana». Ainda no Chiado existia outro «café», o do Lourenço, tambem muito e bem afreguezado.

Pelos arredores da aristocrática artéria fervilhavam ainda outros botequins não menos célebres, como o «café» do Luizinho, tambem pertença dum italiano e que, pelas suas proximidades do teatro lirico (ficava á esquina da travessa da Parreirinha para o largo de S. Carlos) foi scenario de verdadeiros combates entre os partidarios de certas «pimas-donas».

Junto da igreja do Loreto havia ainda o botequim do Pedro, ainda e sempre propriedade dum italiano. Os italianos pareciam ter o monópolio do commercio, no que respeitava aos «cafés», assim como os franceses pareciam tê-lo, no que respeitava a lojas de cabeleireiro e a livrarias.

O mais moderno «café» do Chiado, o que durou até mais tarde, foi o conhecido «Café Central», que existiu até ao ultimo quartel do século passado. Oxalá o luxuoso «Café Chiado» tenha mais duradoura vida, já que não pode ter mais gloriosa do que a dos seus celebrados ascendentes.

Oxalá o Chiado, rua morta da Lisboa nocturna, saiba guindar-se, para ser a apropriada moldura dêsse botequim modernista e rico, até á altura a que lhe compete chegar, como artéria onde palpita o sangue mais puro da cidade, o que mais perto está do coração da cidade...

Oxalá o «Café Chiado» seja o primeiro grito moderno a acordar a sonolência da Lisboa retrógrada e casmurra.

UMA «AMERICANICE»

Uma jovem americana, Miss Shovel, resolveu usar no chapeu os retratos dos seus amigos e amigas mais íntimos.

Em vez de enfeitar o chapeu com plumas ou flores, adoptou uma guarnição... fotografica. Tudo se pode negar a esta idéa menos, a originalidade.

COMO NASCEM
AS SERPENTES

A maior parte das serpentes põem ovos, como os crocodilos. Na savana africana, as serpentes escondem cuidadosamente os seus ovos e conservam-nos sempre a uma temperatura não inferior a 25 ou 35 graus centígrados. Para conseguir isso, a fêmea, que abandona os ovos durante as horas de sol, choca os durante a noite e quando chove. Enrolada sobre eles, protege-os do ar. Geralmente, choca dez, doze, ou quinze ovos e nunca mais. A casca destes ovos é apergaminhada e nunca tem a consistência dos ovos donde nascem as aves. A medida que o embrião cresce, as diversas partes do encéfalo vão-se formando. Só a massa cerebral se torna considerável, apresentando-se a coluna vertebral sob o aspecto duma simples haste. No dia em que nasce, o embrião rompe a casca, servindo-se, para êsses efeitos, dum dente cortante inserido sobre o intermaxilar, e que mais tarde desaparece. Desde que sai da casca, a pequenina serpente que, dentro do ovo, era apenas um fio com uma grande cabeça, toma logo forma, e o seu comprimento cresce com tal rapidez que não é raro vê-la passar, no espaço de quinze dias, duns 30 ou 40 centímetros a um metro.

A MAIOR PALMEIRA
DE ESTUFA

A maior palmeira de estufa que se conhece é uma «Livistona chimensis», que existe no Jardim Botânico da Universidade Cracovia. É maior ainda que as duas existentes no Jardim das Plantas, em Paris, e que foram recentemente abatidas. A estufa onde se encontra a célebre palmeira da Cracovia—que deve ter os seus duzentos anos—tem sido várias vezes reconstruída, para poder guardar a gloriosa árvore

CARVÃO

«CARDIFF» ALMIRANTADO

NORTH'S

Á DESCARGA

PORTUGUESE CORPORATION OF
COMMERCE, LTD.

CAES DO SODRÉ, 64, 2.º

Telefones C. 4163
4164

Casa Palissy Galvani

GUILHERME F. SIMÕES, L.ª

COLOCAÇÕES
E reparações de campainhas electricas,
telefones e pára-raiosLUZ ELECTRICA
Depósito de todos os aparelhos
da sua especialidade

Preços sem competencia—Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15 — LISBOA

Boscan

esperado a 26 de Março

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RO-
CIO É FAZER UM ANUNCIO QUE TODA A LISBOA VÊ

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

Uma Inovação no Teatro de Shakespeare

O SUCESSO DO NOVO «HAMLET» DE PRAGA

Já fizemos alusão a um certo «Hamlet» que se representou há tempo lá fóra, farçalhada caricata sem o menor respeito pela memória de Shakespeare, sem a mais leve consideração pelo publico. Tem havido muitos «Hamlets» de igual jaez mas—vamos com Deus—Shakespeare não é dos autores mais martirizados.

Está fazendo furôr em Praga uma nova edição do «Hamlet» sugerida pelo realisador Hilar. Desta vez, trata-se de montagem avançada mas inteligente.

Hilar, o director do Teatro Nacional de Praga, conseguiu aproximar da nossa época o fundo distanciando em que se esbate a tragedia do principe da Dinamarca. E as personagens parecem mais humanas, mais reaes.

Não concordando embora com a «odernisação da «toilette» do principe—e há razões de ordem estetica—que não são para desprezar—temos de convir em que Hilar andou muito bem, suprimindo o fantasma de Eisenor, aparição que frequentes vezes despertia riso. O vulto da Explanada ficou reduzido ao acenar crispado de duas mãos no espaço, para o qual convergem dois fortes projectores.

Os «comediantes» perderam a plasticidade de cartão para se apresentarem negligentemente, como verdadeiros cabotinos.

Edward Kohout deu um Hamlet impressionavel mas sem a cadencia declamatoria. Menos filosofico, mais real.

Jamila Krombauerowa suprimiu a cauda do vestido de Ofélia. Encurtou até as saias. E deu melhor a «ingenua», sem o ar de uma aia caída em desgraça, como a choramingam as actrizes, para não fugir á regra. Profanação? É possível... Mas de todas as inovações, a que merece vivo louvor é a da encenação.

O realisador Hilar pediu o concurso do architecto Hoffmann; expoz-lhe o seu plano. Concordaram ambos em abandonar o quadro classico de «Hamlet». Adoptaram o scenario symbolico, e circumscripção ao espaço indispensavel para o desenvolvimento da acção. Nenhum elemento decorativo que possa distrair o espectador. Ambiente creado por elementos picturais dominantes, ressaltados por efeitos de luz.

Profanação? De maneira nenhuma. E se se adoptam estes processos para com as peças de Shakespeare, porque não se hade abandonar de vez a desnecessaria montagem espectacular, ainda em uso no nosso Teatro, mesmo para a peça mais desastavida?..

CARLOS ABREU

Apolo Olimpia

Companhia Almeida Cruz. Teatro mudo onde figura a grande voz e o talento transido do seu director. Repertorio de gosto popular e de valor. Teatro tradicional e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de preços e um espectáculo tizze e artistico. Hoje e sempre: «A Mouraria».

Directão de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torna-las preferida do publico.



a eloquencia

POR vezes os nossos dramaturgos pretendem atrair o publico, lisongeando-o com efervescencias emotivas de ocasião, cuja raiz não se alimenta na arte verdadeira e pura, que sempre excede o tempo e os motivos duma época. O autentico creador da beleza—não deve apresentar um assunto com a imparcialidade dum professor que estuda uma lição, indiferente ás suas conclusões. Ha de apaixonar-se por ele, vivê-lo com o drama da sua consciencia, testemunha necessaria dum facto, que é preciso desenvolver, apresentando-o sob todos os aspectos. Trabalhar uma ideia moral e espiritual, dando-lhe apenas um contorno, é encher de sombras o caminho do sol ou negar a este a sua passagem efemera sobre a terra.

Nessa ideia moral ou espiritual ha sempre elementos antagonicos que se degladiam e confrontam. Vence o mais forte, certamente, mas é preciso que ele vença não pelo querer do critico, mas pelo *crer* da plateia, suggestionada pelo raciocinio, pela sugestão evidente, pelo objectivo logico, pela finalidade, que alfim se consegue soltar das garras da ignorancia e do septicismo, onde se revolvía.

Não devemos, pois, anular a força dum pensamento, e o que é mais: não o invocar, só para que o seu contrario triunfe sem luta, nem obstaculos. Se assim é—não ha acção, não ha movimento, não ha propensão teatral. As melhores ideias esvaiem-se, porque não tem contraste onde se apoiarem, resalto onde se destacarem.

Poder-se-hia dizer que o autor se quiz aproximar da verdade—da *sua verdade*. Mas quantas ha? Pode alguém detê-la? Comprimi-la? Manieta-la a palavras que referem accidentes, sem os explicar devidamente? Se não existe o *facto prova*, tão necessario aos problemas que constituem o fundo versatil da consciencia humana, renovada e reformada atravez dos seculos,—haja, pelo menos, sugestão bastante, que arraste e domine o nosso pensamento, destruindo-lhe por completo todas as possibilidades de raciocinio e de analise. Ou uma coisa ou outra. A meia tinta não convence os partidarios do dramaturgo, nem aqueles que o atacam. Qualquer criação tem um sinal definitivo, eloquente, embora seja, inicialmente, erronea.

ARTUR PORTELA

FABRICA DE MALAS, CARTEIRAS E ARTIGOS DE VIAGEM

DE

JOAQUIM PEREIRA MONTEIRO

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 43 e 47—LISBOA

Fabrico especial em malas, carteiras, bolsas de senhora, pastas para escritorio, casas bancarias, companhias e de mais artigos que digam respeito á mesma industria. Concertos gerais em todos os artigos.

Sempre novidades, execução rapida, solida e perfeita

TELEFONE 5347 NORTE

Amelia Rey Colaço

Realiza-se hoje a festa de Amelia Rey Colaço. E' costume a proposito destas homenagens escrever algumas palavras amaveis. Amelia Rey Colaço não precisa porem dos laudatorios adjectivos que tantas vezes distribuímos. A sua valiosissima conduta de artista, o seu talento excepcional e em plena fulguração, a sua cultura absolutamente rara no meio teatral português e a nota inconfundível que irradia da sua figura e a elegancia que é a da sociedade onde foi creada e em que vive, fazem de Amelia a artista em que, legitimamente, ha o direito de pôr as mais illimitadas esperanças.

Ainda como directora de scena, modernizando a nossa scenografia, a Amelia Rey Colaço se devem noites de inolvidavel prazer, entre as quais fica como uma grande data a da sua ultima festa.

«O Domingo», que é, principalmente, um jornal popular, tem o maior orgulho em saudar em Amelia Rey Colaço, cujo talento já tocou o sentimento do Povo, uma grande senhora e uma grande artista.

cá por dentro

Fala-se em que o actor Leopoldo Froes irá para uma companhia de verão no teatro Variedades.

—E' possivel que o actor Carlos Ribeiro estrete numa organização de revistas e feeries.

—O actor Nascimento Fernandes e o escritor Lino Ferreira adquiriram em Madrid, para a época de verão no Politeama, uma peça de Armiches, de grande potencia comica.

—A festa do actor Raul de Carvalho será com a «Martine» e com L'Homme du destin» de Bernard Shaw.

—Já não será com o «Pigmaleão», do mesmo autor, a recita de Ilda Slichini, não estando ainda assente com que obra será.

—O heroi de Clement Vautel está sendo trabalhado com muito carinho por Estevão Amarante, para a nova peça «Padre-Cura».

—O maior papel da peça «Gente de teatro», que se passa num palco, é feito por Alexandre de Azevedo.

O VOSSO RETRATO

Procurai sempre um bom fotografo! A Foto America melhor do que qualquer outra vos pode servir. R. Registo Civil, 6-1.º e 6 A, loja. Telefone 3029 Norte.

Aos nossos leitores da provincia

Aqueles que, num canto da provincia, lêem o *Domingo* além de amadores de fotografias, e são amigos do seu torrão, pedimos que nos escrevam para que consigamos nas varias localidades agentes fotograficos. Na nova fase que *O Domingo* em breve vai tomar poderemos publicar muitas fotos da vida da provincia, o que constituirá uma grande propaganda regionalista.

Nacional A primeira scena dramatica portuguesa, a frente da qual está Alves da Cunha — a grande actor, o primeiro da sua geração. Adão Alrançós, a «cristal» cujo nome dispensa elogios, e Bertá de Bivar, artista cultissima e moderna, acompanham-no com Sacramento e Araújo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte repertorio moderno. Actualmente «O novo Idéolo».	S. Luiz A unica grande companhia de opera portuguesa, sob a direcção do nosso primeiro «mestre-escenista» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auxenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e baritono brasileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espectáculos de Portugal. «Paganini», soberba montagem.	Politeama Trindade A mais bela sala de espectáculos de arte moderna. Uma companhia extensa com os nomes de Ilda Slichini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectáculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empresa de arrojado e antigo empresario Luiz Pereira. Actualmente: «Lourdes».	Avenida A mais linda sala de espectáculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucília, com Erco, Almeida, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectáculos mais emocionantes de Lisboa. Actualmente: Robinne-Alexandre.	Gimnasio Companhia Satânica-Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satânica, uma motavel actriz que reme o encanto duma mocidade fresca ao «estil» parisiense de seu estile. Hoje e por enquanto todas as noites «O Bom Ladrão».	Eden O teatro mais moderno e mais europeu. A frente o nome glorioso de Amelia Rey-Colaço, Robles Monteiro e todo um conjunto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, boa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectáculos de comedias, anti-comedia e drama.	Variedades O teatro das fantazias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectáculos do Povo — feitos de arte portuguesa e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Brevemente: «O Rei dos Judeus».	Todos os Estilos Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farsas e dramas. Exitos, «tournees» triunfais a attestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer. Actualmente «O Senhor Roubado».
---	--	--	--	---	---	---	---

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Ramiro Pinto & C. 146, R. AUGUSTA, 148 TELEF: C. 1646 — LISBOA BANHEIRAS, ESQUENT. ADORES E ARTIGOS SANITARIOS

Ao voltar a casa, apesar de exgotado pelos mil a fazer e os quotidianos, ele ia mentalmente, pelo habito de constante laboração que adquirira, rebuscando novos assuntos, novas frases, fazendo germinar o novo artigo que o jornal no dia seguinte implacavelmente reclamaria.

Mais uma novela. E o seu olhar, — observador infatigável — percorria tudo e todos, procurando o polen da nova ideia. O seu espirito numa perfeita conjugação de esforços, ia seleccionando os varios clichés que a visão constantemente fornecia. Mentalmente iam-se formando esboços, delineando trechos, precisando linhas, pouco a pouco apagadas, postas de lado, pela critica severa da razão insatisfeita.

No interior do carro nada conseguia fazer brotar a ideia ambicionada. Era preciso confiar mais uma vez no acaso, o grande inspirador, o grande dramaturgo.

E o cerebro tambem precisava de repouso.

As 8 horas de trabalho que o corpo não respeitava, deviam ser ao menos respeitadas pelo espirito.

Mas inesperadamente alguem se levantou junto de si deixando um lugar vago. E viu surgir da plataforma, para o ocupar, um daqueles perfis correctos, perfectos, pouco vulgares, e que raras vezes se encontram para o prazer dos nossos olhos sempre sequiosos de beleza. E não era miragem dos sentidos ou primeira impressão do seu olhar.

Tudo era correcto. Os olhos negros, limpidos, profundos. A boca de linhas perfectas, bem lançadas, de labios talhados para suplicas, para beijos, para dizerem coisas ternas. Na face um sinal negro, decerto a marca do artista, do creador dessa verdadeira obra d'arte inexcédível.

Ele ficou naturalmente embevecido na contemplação; abstracto; meio aturdido.

Entretanto ela desdobrava um magazine, percorrendo-o logo a seguir rapidamente, como que buscando alguma coisa.

Ele reparou então que era o jornal em que escrevia e que tinha saído pouco antes. E nesse dia tão mal cuidara o seu artigo. Felizmente não o leria decerto.

Ela entretanto, depois de percorrer nervosamente varias folhas, fixou por fim numa delas os seus olhos.

Mas não havia duvida; era aquele o seu artigo. E tão descuidadamente o escrevera desta vez. Tão apressadamente o fizera, sem o limar, sem o emendar, quasi que sem o revêr, por não sonhar o destino que teria, que estava tendo. E não pode conter-se:

— Minha Sr.^a, queira perdoar a minha impertinencia. Mas não leia essa pagina...

— ??

— Não leia, peço-lhe. Não leia esse artigo, essa novela. Se eu soubesse que seria lida por V. Ex.^a eu não a teria escrito. Não a teria feito assim; tê-la-hia, cuidado... arranjado... corrigido...

— ???

Novela terna, dum ironista...

*Pagina cheia de interesse, em
que a ironia e o sentimento se
casam num sorriso...*

— Se eu pudesse ter adivinhado que as minhas palavras seriam murmuradas por tão divina bôca, que as minhas frases se iriam reflectir no cristal tão puro dos seus olhos, que os meus pensamentos estariam por momentos no seu espirito e se conjugariam com



Peço-lhe... não leia essa pagina...

os seus, eu não teria escrito essa novela, não teria escrito assim. Ah! se eu adivinhasse, o que eu teria escrito!

— ???

— Se eu pudesse saber que o meu nome estaria hoje entre os seus labios, que todo eu portanto estaria preso da sua boca, juro-lhe que as minhas frases seriam outras, outros os meus pensamentos, as minhas palavras, a minha maneira de sentir, ... e por isso repito, volte a folha por favôr, não leia...

— Mas é o autor do artigo?

— Infelizmente. Mas prometo que não torno a escrever dessa maneira. Terei o cuidado de me apresentar mais dignamente ante os seus olhos. Não leia hoje, peço-lhe...

— Mas se comprei o jornal por sua causa...

— Darei compensações. Indemnizarei V. Ex.^a. Só lamento...

— Pois eu estou radiante. Ora ainda bem. Não imagina o interesse que tenho em conhecê-lo. Que feliz revelação! Bemdito acaso que me colocou junto de si! Mas não supõe o prazer que tenho sempre, em lêr as suas coisas. E creia, fazia de si uma ideia bem diversa...

— ?

— Como estou habituada a decep-

ções, tinha imaginado que me enganaria a seu respeito, que seria muito diferente, muito peor do que eu supunha. Mas vejo com prazer, com alegria, que excede afinal completamente tudo o que acerca de si eu tinha idealizado...

— ???

— O seu olhar tem uma doçura maior do que eu supunha. O timbre da sua voz acaricia, muito mais do que eu julgava, os meus ouvidos...

— ???

— Era uma voz assim quente, aveludada, que eu tinha precisamente imaginado. Era assim, uma figura inconfundível como a sua que eu sonhára, creia...

— Será possível? tudo que estou ouvindo. Não; é muita bondade da sua parte. Ou será talvez dos olhos que transmitem a tudo quanto vêem um pouco da sua propria beleza.

— Creia que sou incapaz de dizer o que não sinto.

— Mas para não ter hoje uma desillusão, não leia por favor essa novela, sem estilo, sem beleza, feita num tom ironico, ligeiro.

— Mas se é precisamente a sua ironia, a sua graça, que me interessa e que me prende. Se soubesse como



Olhe que estraga o desenho...

nós, as mulheres, principalmente as que são muito aduladas, estamos aborrecidas, saturadas de frases ternas, apaixonadas, de tiradas madrigalescas, de pieguismos sentimentais, de olhos em alvo, de mãos no peito premindo o pulsar dos corações. Tu-

do isso é para mim, creia, insuportável. Só o espirito me vence, me faz vibrar, me entusiasma.

— Tenho estado então a desgostar com as minhas frases...

— Sim, um pouco. Essas tiradas não ficam bem na sua boca habituada á ironia. Aquelas frases nem me pareciam suas. E creia que isso hoje no seculo todo pratico, que vivemos, já não sôa bem. Só num certo ambiente, com determinada «mise-en-scène»; pelo menos um pouco de luar, uns fundos de verdura. Agora num electrico, com os toques de campainha e as interrupções do revisor e dos passageiros que pedem licença para sair, deve concondar que não está certo. Estava bem nos tempos de capa e espada, quando os galãs andavam a cavalo e não de electrico.

— Tem razão. Não me lembrei da minha capa de borracha e do meu prosaico guarda-chuva...

— Mas estou em casa. Saio aqui. Não sai tambem?

— Agora reparo que já devia ter saído ha muito tempo. Ia de tal modo abstrato, que deixei passar a minha casa com a maior das indiferenças.

— Mas tem a minha para descansar o tempo que quizer...

— Junto de si, parece-me que ficaria... a descansar... «per omnia secula»...

— Pode então fixar a minha morada e quando quizer...

— Se lá entro não terei ânimo de sair. A sua morada será para mim a derradeira morada...

— Voltamos á mesma. Vai entrar novamente na fase madrigalesca, pelo visto. Não quer jantar comigo? Não calcula o prazer que me daria.

— Junto de si não poderei jantar. Contemplando-a tenho a sensação do bem estar completo, total, a satisfação plena de todas as necessidades vitais...

— Basta. Vejo que se não emenda. Qual é o assunto do seu proximo artigo?

— Eu já não escrevo mais. Acharia agora sempre que as minhas frases eram indignas do destino que iam ter, que iriam passar vendidas, confusas, envergonhadas, perante o seu divino olhar.

— Mas eu quero lêr os seus artigos.

— Só com uma condição.

— Qual?

— A de colaborar comigo.

— Mas como? Não tenho as qualidades necessarias; impossivel; como poderei colaborar?

— Com a sua graça, com o seu olhar inspirador, com a sua boca de linhas correctas, bem desenhadas...

— Bem desenhadas; é o termo...

— Embora; mesmo assim ela me atrai, porque quer os seus contornos sejam correctos, quer tenham sido corrigidos por si, o resultado é o mesmo, a sua beleza é de facto inexcédível...

— Chegamos. Não entra?

— Sempre com a mesma condição. Escrever comigo uma novela.

— E não a poderíamos viver?

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 7

CONHECI vagamente aquele rapaz que ontem se matou. Chamava-se João, era operario e pobre, humilde e bom rapaz. Nada mais. Por isso só muito vagamente conhecia aquele rapaz que se matou estupidamente com um tiro de pistola, defronte do palacete dos Seabras.

Uma manhã foi descoberto o cadaver dum operario que se suicidara.

Uma laconica noticia de jornal, uma pobre velha que chora sobre o corpo morto do filho querido, e a vida segue.

Porque se matou aquele rapaz tão novo? Não importa saber. Mas conhecia-o, morava na minha rua e quiz saber a sua historia.

Era electricista e fôra um dia chamado a fazer uns serviços da sua especialidade no palacete dos Seabras. Foi.

Levaram-no a um quarto onde, deitada sobre um divan, estava uma palida figurinha de mulher, que em voz triste e sumida lhe deu umas indicações sobre o trabalho a fazer. Era Margarida, a filha dos donos da casa.

João, enquanto trabalhava olhava com piedosa ternura aquela rapariga tão nova, tão rica e que por tão pouco tempo poderia gozar a vida! E Margarida, sentada no seu divan, olhava fixamente a rua, o sol, a vida, num olhar de supplica a Deus para que a não levasse ainda.

E João sentia-se raramente impressionado, ante aquela pobre rapariga que parecia querer guardar nos seus grandes olhos muito abertos tudo o que na vida lhe era querido.

Mas o trabalho acabou e João saiu. Sómente, não se lhe varria da lembrança aquela figurinha triste de doente.

Quiz saber o que tinha, porque não a levavam para fora, numa tentativa de salvação?—Era inutil; para que ela vivesse era preciso que alguém, muito forte e muito novo, lhe desse o seu sangue, e ninguem está disposto a sacrificar-se assim pela primeira desconhecida que aparece.

No seu quarto João via, para onde quer que olhasse, a linda Margarida, palida, magrinha, quasi morta. A' ideia de que podia ser ele a dar-lhe a vida, não hesitou. Iria oferecer-se para a salvar. Mas logo sentiu um grande acanhamento de se dirigir áqueles senhores tão ricos, ele, que era um rapaz tão pobre!

Mas foi, e a transfusão ia fazer-se.

Quando Margarida soube que aquele desconhecido se fôra oferecer para a salvar, uma brusca alegria encheu-lhe o coração. Era a vida que lhe luzia a distancia, longinqua ainda, mas que ela podia apanhar; senti-a já quasi ao alcance da sua pequenina mão. Viver! Ela ia viver! E ante os seus olhos a vida passou como um estupendo film de aventuras em que ela era a protagonista.

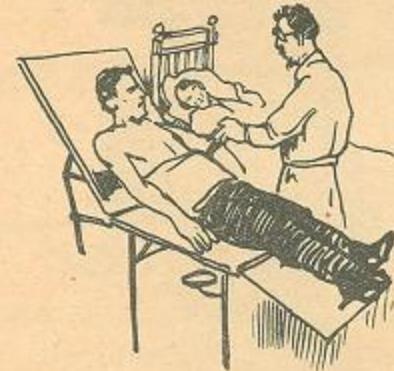
E amou, amou louca, perdidamente, essa vida que voltava, que ia gozar de

Aquele rapaz tão pobre...

pagina de sentimental romantismo
escrita por Alice Ogando
(Madame André Brun).

novo. Egoistamente feliz, quasi esqueceu que tudo isso ia dever áquele rapaz tão pobre.

Chegou o dia que o medico marcara para a transfusão. Na alma de João



Já o sangue d'elle corria...

cantava como um hino de gloria a ideia do seu sacrificio. Vinha-lhe então um fervor místico, a volupia de se sacrificar por Ela, e antegosava já a ideia de que podia sofrer para a salvar.

A entrada do medico na sala onde João esperava veio despertá-lo. Era um velho amigo da casa que muito queria a Margarida. «Vamos, meu amigo?»— «A's suas ordens, doutor».

Deitados lado a lado, o sangue dele lá ia correndo para ela.

João sonhava já com os lindos olhos de Margarida, humidos de ternura a olharem-no com reconhecimento, quasi com carinho... E era feliz, mesmo que morresse ali, por ela, seria feliz.

Margarida entrou finalmente em convalescença. Voltaram ao seu rosto as lindas cores doentia; era viva e alegre agora a expressão dos seus olhos, que olhavam avidamente a vida. Vivial De quem lhe tinha vindo a ventura que gosava quasi não se lembrava já.

E pensava que daí a pouco voltaria aos bailes, tornaria a sentir á sua volta o enxame zumbidor dos seus adoradores e ninguem mais lhe diria com irritante piedade — «Pobre pequena!» — E ria, ria perdidamente. Apertava o sol nas suas mãos brancas como se o quisesse guardar, achava tudo lindo, alegre, como se voltasse dum mundo onde tudo era muito frio e muito triste.

João fa com assiduidade saber das melhoras da sua doente. Os pais de Margarida pensavam então na forma de lhe agradecer. Dar-lhe hiam dinheiro, muito dinheiro. Mas João recusou. A'quele trabalho ainda ele não se habituara a fazer preço.

Tiveram então que ser amáveis, convidando-o a «aparecer quando quizesse», no que teriam muito prazer, sempre.

Mas ao cabo de pouco tempo aquella intimidade começava a pezar-lhes e, apesar d'isso, não lho podiam manifestar, porque ele era o salvador da filha.

Uma viagem a pretexto de acabar de restabelecer Margarida era o melhor para cortar de vez com aquelas visitas. E a viagem fez-se. Uma tarde, quando João bateu á porta, foi informado de que «as senhoras tinham partido».

Os mezes passaram e ele não tornou a ter noticias da sua doente. Um dia, João descia a Avenida, quando as



Porque se matou aquele rapaz tão pobre?

janelas iluminadas dum palacete lhe chamaram a atenção. A' porta parava uma multidão de curiosos.

Dava-se ali um baile e todos queriam ver chegar as senhoras. João parou tambem e, sem saber porque,

lembrou-se de Margarida. Se ela tambem ali fôsse! Ele bem sabia que já tinham chegado!... E logo, como que respondendo ao seu pensamento, um automovel parou e de dentro, mais bela que nunca, saltou Margarida, acompanhada doutras raparigas que, como passaritos, pousava em terra os seus pésitos breves. João olhou a sem se atrever a falar-lhe, mas os seus olhos bons diziam tudo, ternura, amor, alegria, e até se queixavam de o terem esquecido... Margarida olhou quasi serena, como se nunca o tivesse visto. Uma das raparigas, notando João, perguntou-lhe:—

— Conheces aquele rapaz?

— Sim, talvez, acho que costuma fazer uns serviços lá em casa... E, cada vez mais linda, subiu ligeira a escadaria.

João ficou parado como se não percebesse bem o que tinha ouvido. Mas uma coisa ele percebera, no entanto— perdera o direito de a ver, de lhe falar, a Ela, porque a envergonhava conhecer aquele rapaz tão pobre.

Por isso no dia seguinte foi encontrado o cadaver dum operario que dera um tiro na cabeça, junto ao palacete dos Seabras.

ALICE OGANDO

Março, 1927.

LER NO PROXIMO NUMERO A
SENSACIONAL NOVELA SOBRE O
CONCURSO DE BELEZA:

Rainha de um só escravo

POR



Novela terna dum ironista...

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

— Não me atrevia a ambicioná-lo. Mas creia que neste ambiente requintado pode viver-se mais que uma novela. Mesmo um romance, um grande romance moderno, chic, optimamente encadernado.

— Tão bem encadernado como a sua propria heroína...

— Sim, tão bem encadernado, como ela. Encadernado a peles...

— Mas não quer sentar-se?

— Quero antes escrever a primeira frase da novela...

— Quer tinta?

— Basta-me a sua boca.

— Mau, vai estragar o desenho...

— Vou começar o prologo...

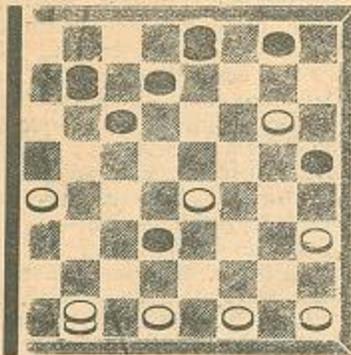
AUGUSTO CUNHA

VARIA

DAMAS

PROBLEMA N.º 115

Pretas 2 D 5 p.



Branças 1 D 7 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 114

	Branças	Pretas
1	23-27	32-23
2	12-16	20-11
3	2-20-27-18-25	29-22
4	9-14	21-10
5	3-17-31	
	Ganha	

Resolveram o problema n.º 113 os srs.: Alípio Amaral, Alvaro dos Santos, Armando Machado (Ilhavo), Artur Santos, Carlos Gomes (Bemfica), José Brandão (Infantas), «Neulame» (Figueira da Foz), Victor dos Santos Fonseca e outro, cuja assignatura não sabemos declarar.

Este problema foi pelo seu autor «Neulame» oferecido ao sr. Armando Machado (Ilhavo), como retribuição. Que nos desculpem não ter feito essa declaração mais oportunamente.

O problema hoje publicado foi-nos entregue pelo sr. Victor dos Santos Fonseca.

Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do jogo de Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

“O Sport de Lisboa”

Comunica-nos a Direcção deste semanário que a sua publicação passará a ser feita ás sextas-feiras, com novo corpo redactorial e com 8 paginas permanentemente.

COZINHA SIMPLES

Util a donas de casa, cozinheiras, médicos, doentes, não, vegetarianos, desportistas, hotéis, hospitais, escolas, asilos, casas de pasto e bibliotecas, acaba de sair um volume de 403 paginas pelo afamado dietista Dr. Paul Carton, com regras alimentares, dietas, receitas modernas, etc. Pedidos á AGENCIA DO LIVRO E DO JORNAL, R. Morais Soares, 56 1.º—3.ª cobrança, porte e registo 14\$00, R. dos Douradores, 29 1.º—avulso 12\$50.

DESEJAM UM BOM PIANO?

Prefiram os da acreditada marca alemã CARL Hardt Stuttgart. São esplendidos de sonoridade e leveza de teclado. Construção sólida. Preços moderados, á venda na Casa Custodio Cardoso Pereira, Lt.ª, 9, R. do Carmo, 13-Lisboa.—Gramofones «His Master's Voice», «Columbia», «Magestróla», etc.

DISCOS EM TODOS OS GENEROS

Enxofre Italiano

Tipo FLORISTELLA SUPER em sacos de 50 quilos, de algodão.
Tipo VENTILATO EXTRA em sacos de 50 quilos, de algodão.

Vendem posto sobre vagon, e accitam desde já encomendas, garantindo a qualidade conforme amostra.

F. H. D'OLIVEIRA & C.ª L.ª DA

RUA 24 DE JULHO, 148
RUA DO COMERCIO, 1 A 5

Mulheres turcas de ontem e de hoje

As mulheres do Oriente lendario, as «Desenchantées» de Loti, cansaram-se da sua interna penitencia, cansaram-se do seu inflexivel, do «harem» humilhante, do casamento com noivos desconhecidos, da poligamia humilhante. As velhas tradições e costumes não cederam ás lagrimas e ás supplicas de tantas raparigas sacrificadas, desde a adolescencia, a viverem afastadas de qualquer convivencia estranha á sua apertada regra de existencia, mas cederam á vontade forte desse ditador mal humorado que é Mustafá Kemal. E' facto que já antes da Grande Guerra as idéas do Occidente tinham conseguido infiltrar-se, não se sabe bem como, pelas apertadas frinchas das portas que separavam da vida social as mulheres de Constantinopla, as loiras circasianas do Caucaso, toda a linda e indolente população dos «harens».

Mas é a Mustafá Kemal, ao vencedor dos gregos, ao heroi de Smirna, que as mulheres turcas devem a sua emancipação. Foi ele o principe audaz que desencantou aqueles milhões de de princesas encantadas.

onde, «soi-disant», a mulher já não é escrava... mas tambem não é ainda senhora.

Mustafá Kemal suprimiu o sultanato e o califado, mandando adoptar o alfabeto latino e o Codigo civil suizo, para resolver contendas.

A mulher turca soube mostrar-se bem á altura do inesperado e precioso bem da Liberdade, que a providencia lhe quiz agora conceder. Em seis anos, que tantos são o da ditadura de Mustafá Kemal, conseguiu colocar-se ao nivel de cultura das mulheres europeas e, frequentando liceus e cursos superiores, aderindo entusiasticamente ás mais avançadas correntes feministas, entrou abertamente na vida social. Já ha quatro anos, uma mulher foi sub-secretaria da Instrução Publica, e já ha muitas que se formaram em Letras ou em Sciencias. Dir-se-hia que o longo sequestro de seculos lhes excitou o desejo de escalar em mais depressa do que nenhuma outras todos os degraus da escala que leva á completa emancipação social.

Algumas mulheres houve que não aceitaram bem o movimento libertador; eram as que ti-



O ministro turco Kiazin B. já e sua esposa e filha, que foram das primeiras a adoptar as novas reformas de vestuario e de costumes.

Educado á moderna, á maneira do Occidente, Mustafá foi eleito presidente da Republica pelos turcos, que lhe deram logo o cognome de «Ghagi», o «Vitorioso», e, de facto, mereceu bem justamente esse honroso titulo. Venceu não só os gregos, como o que foi bem mais difficil—todos os preconceitos que sequestravam a Turquia do mundo moderno. O seu primeiro grande golpe contra a tradição foi o seu casamento com uma jovem de vinte anos que, contra o disposto no Alcorão, se fotografou junto do ditador, vestida á europêa e com o rosto descoberto. Desprezada pelo supremo magistrado da Nação a letra do livro sagrado, estava aberto um vasto campo para todas as audacias. Os costumes turcos sofreram radicais transformações.

Angora tornou-se uma cidade moderna, de intensa vida cosmopolita, e graças a leis energicas, secundadas por graves sanções, o ditador conseguiu realizar transformações que pareciam impossiveis.

Foram totalmente suprimidos os «harens», foi abolido o veu que cobria o rosto de todas as mussulmanas; aboliu-se a poligamia, e foram concedidos ás mulheres direitos analogos aos dos homens, incluindo o do voto nas eleições municipais. Isto significa que a mulher turca passu do cativo absoluto a um elevado grau de emancipação social, não estacionando na ilógica e deprimente situação de muitas suas irmãs de certas nações europeas

nam alma de escravas e recebiam provar o sabor da Liberdade. O Vali de Trebizonda, para obrigar algumas a porem de parte o seu espesso veu, foi forçado a declarar publicamente, num diploma official, que o veu priva a mulher de poder ganhar a sua vida honestamente, que é anti higienico e dificulta a tarefa da Policia, pois, em muitos casos, impede as identificações.

O feminismo está, pois, triunfante na Turquia, e Mustafá-Kemal é credor do reconhecimento não só de todas as mulheres turcas, como de todas as que combateram pelo ideal da emancipação feminina. Mustafá Kemal que não receou as iras do Ceu, fazendo erigir, contra a lei do seu Deus, uma estatueta que o representa em attitude de vencedor, pode contar com a simpatia de todas as mulheres consciences da sua função social.

PASCOA

Grande sortido de objectos para brindes e joias com brilhantes SÓ vende BARATO a ourivesaria

CORREIA & MOURA

RUA DE S. PAULO, 186

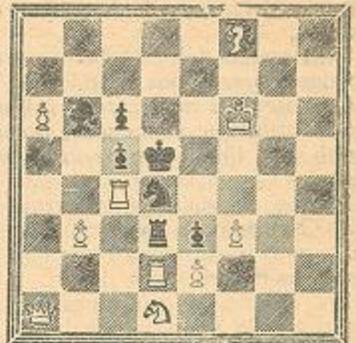
XADREZ

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Premio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 116

Por A. Pereira da Silva

Pretas (7)



Branças (10)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

Solução do problema n.º 115

(Daniel)

1 C c 6-a 5

Resolveram o problema N.º 114 os srs. Nunes Cardoso, Maximo Jerdão, g. x. de Alpiarça, Manuel Nunes, Rodrigo Machado e Luis de Castro. Torneio de Nova-York. Capablanca classificou-se em 1.º lugar com uma percentagem de 70%, seguido por Alekhine que apenas obteve 57%.

«MOINHO DA PACIENCIA» E «PALAVRAS CRUZADAS»

Retirando inesperadamente de Lisboa o director destas secções, não se publicam esta semana, do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

Fica dirigindo as mesmas o sr. Carlos Rodrigues (ORDIGUES), R.ª de Pedro Dias, 15, 4.º esq., para onde deve ser enviada toda a correspondência.

PULVERISADORES

Torpilhas e seus pertences, Pulverisadores BILA para tratamento dos cacaveiros, Artigos de metais, Louça de esmalte, etc.—Pedidos a

J. S. MOUTELA

Rua da Palma, 284-A — LISBOA

Tudo

Cozigue, Rua do Sol ao Rato, 215, 3.º

VARIA



Ondee V. Ex.^a o seu cabelo com os FRIZADORES aplicáveis ao frio, para cabelo comprido ou curto—Resultado que se obtém em poucos minutos. CUSTO: Cartão amarelo com 4 ganchos para cabelo comprido 8\$00. Cartão azul com 4 ganchos para cabelos curtos 8\$50. A' venda nas melhores perfumarias, armazens e casas do genero.

Adolfo Siret

RUA DE S. JULIÃO, 168, 4.º
LISBOA



Aparelhos fotograficos, chapas, películas, papeis e accessorios, dos melhores fabricantes.

Especialidade em trabalhos para amadores.

Reportagens em todos os generos e em qualquer ponto do paiz. Pessoal habilitado em reportagem desportiva e actualidades.

Grandes Armazens Barroca

Moveis, estofos, decorações, pianos e outros artigos. Secção especial de antiguidades
31, R. da Atalaia, 35 Telef: T. 1095

Canetas com tinta

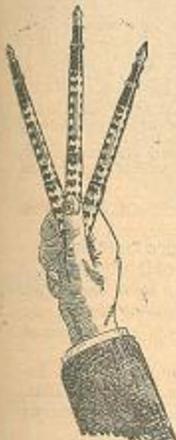
O que ha de melhor

CONCERTAM-SE CANETAS

DE TODAS AS MARCAS

PAPELARIA DA MODA

167, RUA DO OURO, 173
LISBOA



Gramofones e Discos

SEMENTES

PIANOS-MUSICA
INSTRUMENTOS E ACCESORIOS
OFICINA DE PIANOS
E AFINAÇÕES
CASA GOUVEIA MACHADO
RUA ALVES CORREIA, 152

PARA HORTA, JARDIM E PRADOS

CHOCADÉIRAS 'BUCKEYE'

CASA DAUPIAS

29, RUA DO CARMO 31 - LISBOA
TELEFONE 1354 CENTRAL

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: - LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: - LISBOA, CAIS DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL ESC. 48.000.000\$00

CAPITAL REALIZADO ESC. 24.000.000\$00

RESERVAS ESC. 34.000.000\$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: - Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarém, Setúbal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real, Trás-os-Montes, Vila Real de Santo António e Vizeu.

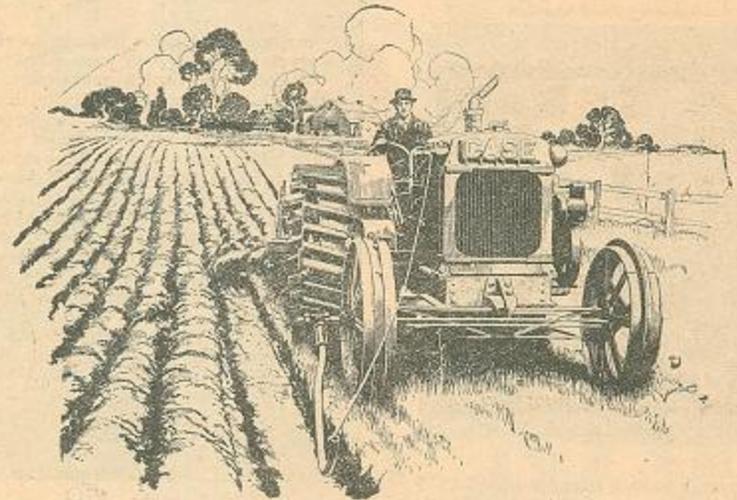
FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: - S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL: - Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.
INDIA: - Nova Goa, Mormugão, Bombaim (India Inglesa).
CHINA: - Macau.
TIMOR: - Dillv.

FILIAIS NO BRAZIL: - Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: - LONDRES 9 Bishopsgate E - PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: - New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE
ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAÍZES
ESTRANGEIROS

CASE O MELHOR, MAIS SOLIDO E ECONOMICO
TRACTOR DE RODAS



Ad Electro P. D. 218—Also furnished in 3 columns

As mais altas recompensas em todos os concursos em que tem entrado. CHARRUAS GRAND-DETOUR. 2, 3, 4 e 5 ferros ou discos para todas as applicações. Estes tractores podem adicionar debulhadoras respectivamente de 1m,07 - 1m,22 - 1m,37. TRACTORES E CHARRUAS PARA ENTREGA IMEDIATA. Em exposição modelos 12x20 e 18x32 HP, com as correspondentes charruas. Representante para Portugal:

DUARTE FERREIRA & FILHOS

(Engenheiros) TRAMAGAL

Filial em Lisboa: AVENIDA PRESIDENTE WILSON, 17 a 25

AUTOMOVEIS

Torpedo 5 lugares
Dollares 1.000 sem mais
despesas



CAMIONETES

6 cilindros, 4 velocidades
Diferencial duplo
A melhor para o nosso paiz

Agentes gerais no Sul: **J. J. Gonçalves, Suc.^{ros}**

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 90 - LISBOA

Fogões Escoceses

(MODELO 'SULTANA')

CENTENAS

A FUNCIONAR

EM

PORTUGAL



TAMBEM

HA OUTROS

MODELOS

EM DEPOSITO

Agente: Herbert Cassels J.^{or}, R. 24 de Julho, 56-Lisboa. Telef. C. 3256

FUNERAES

SIMPLES
E LUXUOSOS



SERVIÇO
PERMANENTE

**MARIO
AUGUSTO
DA SILVA
MILHEIRO**

131 RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

PERFUMARIA FLOR DE LIZ

LIMITADA

83, R. NOVA DO ALMADA, 83-LISBOA

TELEF. C. 3895

O maior e mais variado sortido aos melhores
preços. Manicure (execução perfeita).

Perfumaria Ideal

Productos de beleza dos melhores especialistas.
Perfumes a peso.

CABELEIREIRO DE SENHORAS
E CRIANÇAS

113, RUA DOS RETROZEIROS, 113

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

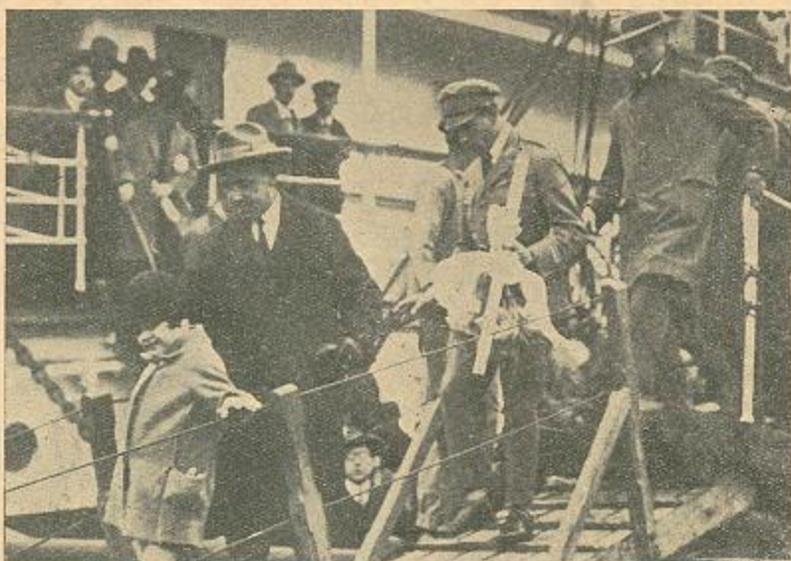
actualidades graficas

A CHEGADA DO MAJOR DUVALE PORTUGAL

FIGURAS DE TEATRO



O jovem e notavel actor Joaquim de Oliveira que faz a sua festa amanhã, no Gimnasio, com um espectáculo «hors-ligne».



O aviador Major Duvalé Portugal no momento de desembarcar em Lisboa. Ao illustre official é hoje oferecido por toda a aviação militar um banquete.

COLABORADORES DE O DOMINGO



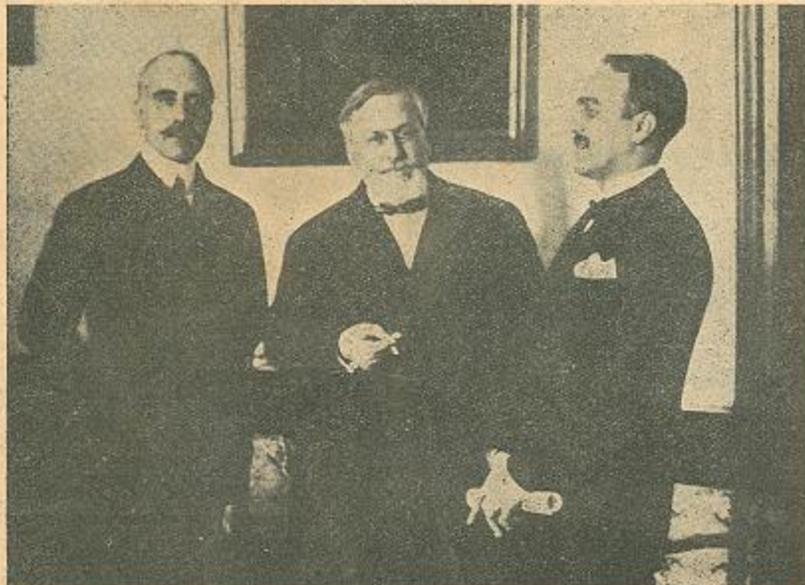
O nosso querido amigo e critico tauromaquico de *O Domingo*, Sr. José Pedro do Carmo, que acabou de lançar um livro notavel. «Touros, arte portuguesa»

REGRESSA SOB PRISÃO O COMANDANTE JOÃO MANUEL DE CARVALHO



Preso nos ultimos acontecimen'tos, veio doente a bordo do «Amboim», aquele illustre official. S. Ex.^a, no momento do desembarque, acompanhado do Sr. Director da Policia Maritima.

NA BIBLIOTECA PUBLICA



O Sr. Dr. Fidelino de Figueiredo, illustre publicista, retoma, com a confiança do Governo o seu cargo de director da Biblioteca. Ao acto assiste o Sr. Dr. Julio Dantas, inspector dos arquivos.

RAINHAS DA BELEZA, POR TODA A PARTE...



Lindo grupo de Mi-Carême em Paris. M.^{lle} Simona, rainha de França, e duas damas de honor.

PUBLICIDADE

Academia Scientifica de Beleza

A Toilete do rosto em 5 tempos

- 1.º—Lavar o rosto com PASTA D'AMENDOAS ORION 12\$50.
- 2.º—Refrescar a pelle, limpar os poros, tonificar os musculos com a AGUA RAINHA DA HUNGRIA, 15\$00 a 20\$00.
- 3.º—Dar cor ás faces com ROUGE DE VIE IMPERATRIZ (liquido), 10\$00.
- 4.º—Aplicar CREME RAINHA DA HUNGRIA que branqueia a pele, evita a formação das rugas, dando-lhe um aveludado, encantador. Amostra 2\$00. Pote 10\$00 e 15\$00.
- 5.º—Polvilhar o rosto com o PÓ D'ARROZ RAINHA DA HUNGRIA, que sendo muito leve e não sendo oleoso, deixa respirar livremente a pele sem obturar os poros. Amostras 2\$00. Caixa 18\$00.

Na sua massagem e para dormir use o CREME VELPEAU, 15\$00.
Se fizer a sua toilette tres dias com estes productos, reconhecerá que está mais nova, que a sua pele tem frescura, transparencia e um aveludado incomparavel.

CS PRODUCTOS RAINHA DA HUNGRIA podem ser usados por senhoras ou cavalheiros que tenham a pele seca ou normal; se a pele é gorda e luzidia, usa os productos de ACACIA, se tem os por s diladados, usa os PRODUCTOS CIVETTE, e se tem pelos usa o DEPILATORIO ELECTRICO RADICAL, que os tira para sempre.

Se tem imperfeições na pele, de qualquer natureza, aplique a MASCARA DE BELEZA que lhe tira a pele em oito dias:—E' O PROCESSO MAIS RAPIDO E MODERNO DE REJUVENESCIMENTO. Mostram-se pedaços de pele tirados com a Mascara, a quem desejar vê-los.

Tem rugas? tire-as com os PRODUCTOS ELECTRICOS-MIRABILIA.
Se tem sardas ou manchas na pele use o tratamento VILDIZIENNE.
Escreva hoje mesmo e peça o catalogo gratis, enviando 1 escudo para resposta.
Peça em toda a parte os productos da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA que foram premiadas com o GRAND PRIX na EXPOSIÇÃO DO CENENARIO DO RIO DE JANEIRO e noutras exposições a que tem concorrido a

Academia Scientifica de Beleza

Directora: — MADAME CAMPOS

AVENIDA DA LIBERDADE, 25-A — LISBOA

STORES GELOSIAS

Os mais perfeitos e mais baratos.
Unicos que resistem ao sol e á chuva.
Encomendas rapidas na
RUA MARIA ANDRADE, 11

LISBOA

João Camilo Alves, Lim.º

VITI-VINICULTORES

VINHOS, VINAGRE E AZEITES

PARA CONSUMO E EXPORTAÇÃO

ADEGAS E ARMAZENS EM BUCÉLAS

Filial em Lisboa: Rua Fernão Lopes, 5 e 7—Pedidos para o Telef. 41-N com um serviço devidamente montado para distribuição ar s domicílios. Para a provincia executam-se todas os pedidos.— 2 GRAN'S PR X

Panamá Pacifico 1915

Rio de Janeiro 1922-23

Automobilista L.º

160, Rua Alves Correia

LISBOA

SEMPRE O MAIOR SORTIMENTO

DE

ACESSORIOS

PARA AUTOMOVEIS

Pronta execução nos pedidos

da provincia

PREÇOS DIMINUTOS

END. TELEGRAFICO: AUTOMOBILISTA

TELEF. 4218 NORTE

CARTEIRAS, MALAS, PASTAS, CIGARREIRAS, BOLSAS PARA COBRE

Casa das Carteiras

RUA DA PRATA, 100



Não queira ficar assim

Use a VITELINA VITERI, torne os seus cabelos fortes, abundantes, limpos e sedosos.—Frasco 8\$00.

Deposito: VICENTE RIBEIRO & C.º
R. dos Fanqueiros, 84, 1.º

Os pneus GOODYEAR «HEAVY-DUTY» são construidos para cargas pesadas e serviço violento, para uma «vida» longa e economica.

PARA A PROXIMA VEZ COMPRE PNEUS PARA CAMIONS

GOODYEAR

LORRY TYRES

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAJHA
ANO - 48 ESCUDO 1 -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ilustrado

ASSINATURAS

COLONIAS
ANO 52a Jo - SEMESTRE, 26000
ESTRANGEIRO
ANO 64a64 - SEMESTRE, 32a Jo

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



Um acontecimento cívico

O NOVO CAFÉ CHIADO

Com o gosto moderno dos notáveis architectos Carlos e Guilherme de Andrade—dois novos que nos honram—inaugurou-se no Chiado, precisamente no local do antigo «Marrare», um grande café, que será o centro de reunião de todos os artistas e intellectuais.

Vêr dentro o belo artigo OS CAFÉS DO CHIADO

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING